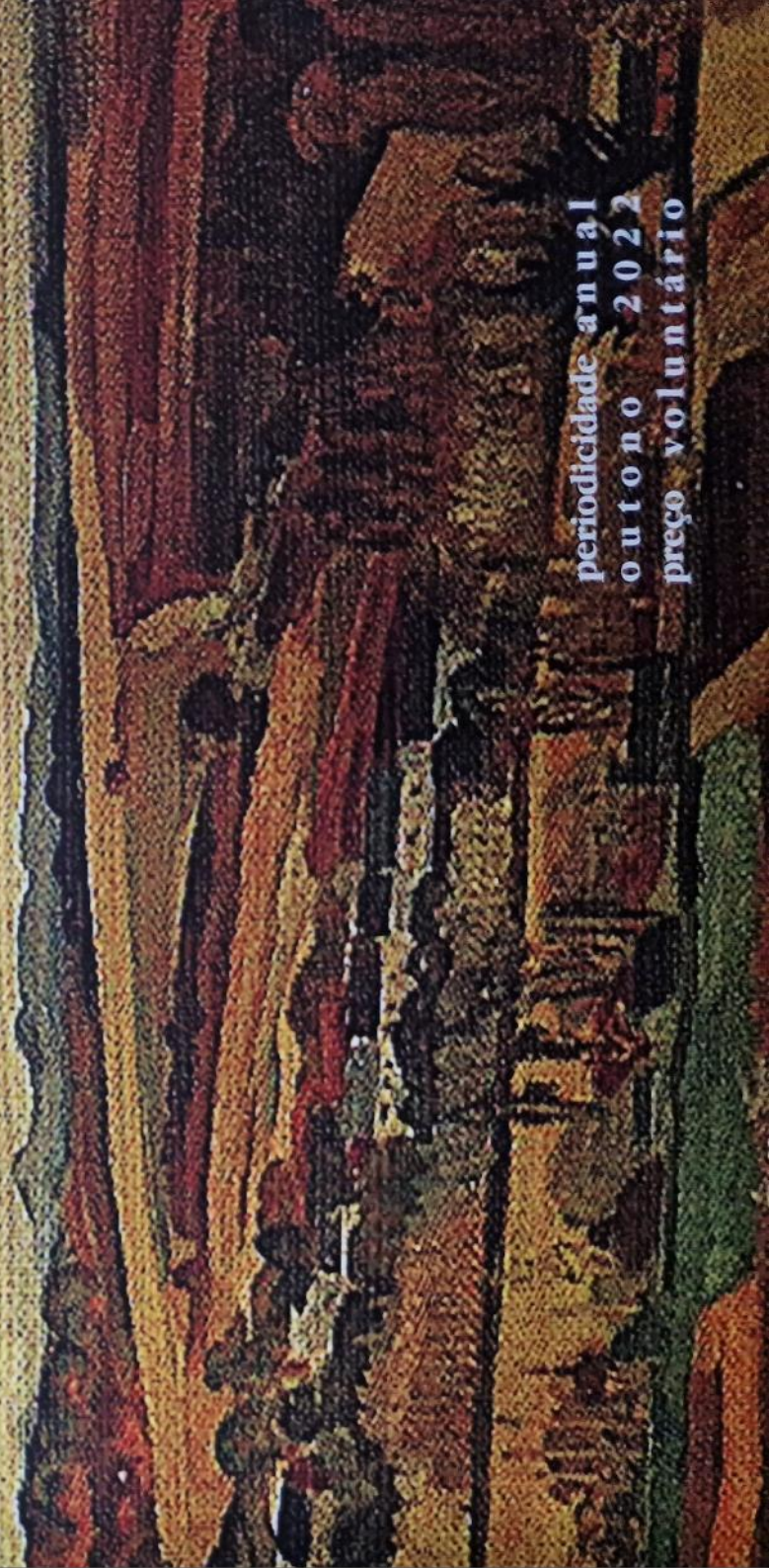


AIDÉIA

revista de cultura libertária

97/98/99



periodicidade anual
outono 2022
preço voluntário

SUMÁRIO DE MATÉRIAS

Limiar 7

António Cândido Franco – Sobre o combate cultural do nosso tempo	9
Pedro Martins – Camões um marrano entre os labirintos	28
<i>Risoleta Pinto Pedro</i> – Camões marrano	37
Eugénio Lisboa – No centenário de José Saramago	38
<i>Beldiabo</i> – Um almoço muito original	43
<i>Feliciano de Mira</i> – Às 20,15 com António Ganchó	46
Gianfranco Marelli – Para a história crítica do situacionismo	48
Pièces et Main d’Oeuwre – A crise sanitária e o reino da máquina	59
Henri Zisly & Outros – Naturianos e civilização industrial	65
Thom Holterman – O movimento Provo na Holanda	71
<i>Boudewijn Chorus</i> – A revista holandesa ‘De AS’	78
Sylvie Kasdan – ‘Fifth Estate’, 56 anos de oposição	81
Maria Antónia Lima – Paul Goodman, um Thoreau do séc. XX	85
<i>Paul Goodman</i> – Canção do saloio	89
Maria Estácio Marques – Face [a Pier Paolo Pasolini]	90
Movimento Pacifista Ucrainiano – Duas declarações	91
<i>Maurícia Teles</i> – Ode à paz	93
<i>José Pascoal</i> – Cinco poemas	95
António Valdemar – As últimas batalhas de António Sérgio	97
<i>Jaime Brasil</i> – Duas cartas inéditas a António Sérgio	113
Paulo Guimarães – Centenário da greve mineira de Aljustrel	117
Doris Accioly e Silva / Luciana Eliza dos Santos – João Penteado, uma vida	124
<i>João Freire</i> – Esboço teatral em jeito de Farsa	133
<i>Fernando Guimarães</i> – Arte e Anarquia	145
<i>Francesco Codello</i> – ‘Rivista Anarchica’	152
Grupo Surrealista de Paris – Quando o surrealismo tiver 100 anos	155
<i>Luís de Moura Sobral</i> – Braga por um canudo	159
<i>Duarte Drumond Braga</i> – Dois Poemas	161
<i>Maria Estela Guedes</i> – Café Moderno	163
Teófilo Braga – A participação cívica e política de Natália Correia	165
Manuela Parreira da Silva / Manuela Sofia Silva – Fernando Pessoa	
e Mariana Alcoforado	173
Helder Macedo – João Paulo Cotrim (1965-2021)	181

No centenário da greve mineira de Aljustrel (1922-2022)

Paulo Guimarães

A greve que mobilizou toda a comunidade mineira de Aljustrel no Inverno de 1922 teve na sua origem directa o desejo dos trabalhadores e operários da *Société Anonyme Belge des Mines d' Aljustrel* (SABMA) melhorarem as suas condições de vida (1). O conflito decorreu num contexto marcado pela elevadíssima inflação e pelo agravamento das condições de trabalho impostas pelo patronato. O problema da «carestia de vida» dava então centralidade às questões salariais na mobilização social e na organização do conflito. Ao mesmo tempo, a inflação limitava o alcance de medidas de protecção laboral previstas com a instituição recente dos seguros sociais obrigatórios que visavam dar alguma protecção em caso de acidente e morte. Também a introdução de novos métodos de exploração penalizavam a saúde dos mineiros e agravavam o mal-estar existente. Surgiram então queixas por causa da deficiente ventilação das galerias provocada pela redução do número de poços activos. Outras medidas de 'economia', como a quase ausência de trabalhos de entivação nas galerias, alimentavam o sentimento de falta de segurança entre os trabalhadores. Os mineiros queixavam-se também do imenso pó que as "máquinas barreiras" deitavam e que lhes prejudicava a saúde (a silicose não era então reconhecida como problema nas nossas minas). O agravamento das condições de trabalho no subsolo foi acompanhado pela dureza das novas imposições inscritas na disciplina e na modernização técnica: a impossibilidade de se afastar do local de trabalho quando se trabalhava em frentes com temperaturas acima dos 40° C. e a grande quantidade de pó em suspensão.

Por seu turno, a empresa iniciava um período de expansão que envolvia avultados investimentos na exploração das minas do Lou-sal (Grândola) e no porto de Sines. Para tal, a companhia contou